Assine a
"FOLHA DA MANHÃ"
Ano .. .. 78$000
VENDA AVULSA
Dias uteis $400
Aos domingos $500

FOLHA DA MANHÃ

Diretor-Superintendente: OCTAVIANO ALVES DE LIMA
Propriedade da Empresa "FOLHA DA MANHÃ" LIMITADA
Diretor-Gerente: DIOGENES DE LEMOS AZEVEDO

DUAS SEÇÕES
16 PÁGINAS

ANO XVII | RUA DO CARMO, 35 e 39 TELEFONE, 2-7181 (REDE INTERNA) | S. PAULO — QUARTA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 1941 | CAIXA POSTAL, 2.900 ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "FOLHAS" | N. 5.372

O Sr. Churchill Discursou Ontem na Câmara dos Comuns

O Primeiro Ministro Britânico Fez Detalhada Exposição Acerca da Conduta da Guerra e da Política Exterior, Analisando a Situação na Frente Oriental – Elogios à Resistência dos Russos

A Entrevista com o Presidente Roosevelt – Ainda Não Está Ganha a Batalha do Atlântico – Necessidade de Um Mais Rápido Auxílio à Rússia

LONDRES, 9 (R.) — Reiniciando seus trabalhos, após curto período de férias, a Câmara dos Comuns ouviu hoje uma detalhada exposição do primeiro ministro, acerca da conduta da guerra e da política externa.

No momento em que o sr. Winston Churchill se levantou para proferir o seu discurso, foi longamente aclamado pelo plenário, demorando-se os aplausos por longos minutos.

A CONFERÊNCIA DO ATLANTICO

"Em julho deste ano — começou dizendo o primeiro ministro — o presidente dos Estados Unidos mostrou desejos de avistar-se comigo afim de realizarmos um exame de toda a posição do mundo em relação aos interesses comuns dos nossos dois paises". O sr. Churchill declina os nomes das personalidades que o acompanharam na conferência realizada em alto mar, e prossegue:

"Estávamos portanto, em posição de discutir com o presidente e com seus conselheiros técnicos todas as questões relevantes da guerra e o estado de coisas que se verificará após seu término".

"Chegou-se a conclusões importantes sobre quatro pontos principais:

1) — A declaração de oito pontos, relativa aos grandes princípios e objetivos que guiam e governam as ações dos governos britânico e norte-americano e seus povos, em face dos numerosos perigos que os cercam nos tempos atuais;

2) — As medidas que devem ser adotadas, para auxiliar a Rússia a resistir ao terrivel assalto desfechado por Hitler contra ela;

3) — A política a ser seguida em relação ao Japão com o escopo, se possivel, de por termo a qualquer usurpação no Extremo Oriente, que possa colocar em perigo a segurança ou os interesses da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos e assim, por meio de uma ação oportuna, evitar o alastramento da guerra ao Oceano Pacífico;

4) — Numerosas questões de natureza estritamente técnicas foram examinadas, tendo permitido estreitas relações pessoais de amizade entre as altas patentes militares navais e aeronáuticas dos dois paises.

Evitei, até o presente, que fossem formulados pelo governo britânico os objetivos de paz ou de guerra, numa fase em que o fim da guerra não pode ser ainda previsto, quando o conflito tende para um ou para outro lado, com êxitos alternados e quando não se pode prever as condições e associações que prevalecerão ao fim do conflito.

Uma declaração conjunta da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, entretanto, é um acontecimento de natureza totalmente diversa (prolongados aplausos), muito embora os princípios nela exarados e a sua linguagem sejam de há muito familiares às democracias britânica e norte-americana. Trata-se, em realidade, de uma declaração que estabelece o marco ou monumento, que precisa apenas do sopro da vitória para se transformar numa página permanente da história do progresso humano.

A declaração conjunta — cuja finalidade está anunciada em preâmbulo — visa tornar conhecidos certos principios comuns à política dos nossos respectivos paises e nos quais baseiam estes as suas esperanças de um futuro melhor para o mundo. Não há necessidade de mais palavras para acentuar a promessa futura oferecida ao mundo por esse documento. Desejo, apenas, chamar a

Winston Churchill examinando um tanque de fabricação norte-americana recem-chegado à Inglaterra

vossa atenção para a frase: "Depois da destruição do nazismo", afim de acentuar o carater profundo e vital do acordo solene a que juntos chegamos.

Tem-se indagado qual é, exatamente, o significado de um e de outro ponto e não escassearam explicações. Uma regra de prudência estabelece que, quando duas partes concordaram sobre uma declaração, não deve daí por diante uma delas fornecer interpretações especiais ou forçadas sobre esta ou aquela frase, sem prévia consulta à outra parte. Proponho-me, por conseguinte, falar somente num sentido exclusivo.

Primeiramente, uma declaração não procura explicar de que maneira os grandes principios que apresenta devem ser aplicados em cada um ou em todos os casos que serão examinados, uma vez terminada a guerra. Não seria prudente para nós, entregarmo-nos, neste momento, a uma laboriosa discussão sobre como deverão ser resolvidos os múltiplos problemas que teremos de enfrentar após a guerra.

Em segundo lugar, o documento não abrange, de qualquer maneira, as várias declarações políticas que teem sido feitas, de tempos a tempos, sobre o desenvolvimento do governo constitucional na Índia, em Burma e em outras partes do Império Britânico.

Pela declaração de agosto de 1940, comprometemo-nos a auxiliar a Índia a obter uma parte livre igual, na comunidade britânica de raças — a nós mesmos subordinadas, naturalmente ao cumprimento da obrigação que decorrer de nossa longa ligação com ela e as nossas responsabilidades, em relação aos seus vários credos, raças e interesses. Burma, igualmente, se acha compreendida nessa declaração e medidas já estão em estudos para estabelecer alí um governo próprio.

Na conferência do Atlântico tínhamos em mente, sobretudo, a extensão da soberania da autonomia de governo e de vida nacional, aos Estados e às nações da Europa, ora sob o jugo nazista, bem como os princípios que regerão quaisquer alterações dos limites territoriais, que acaso venham a ser efetuadas. Temos aí um problema completamente à parte na evolução progressiva das instituições de governos autônomos, nas regiões cujos povos devem lealdade à coroa britânica.

Fizemos declarações sobre essas questões, completas e livres de ambiguidade, relacionadas com as condições e circunstâncias dos territórios e povos interessados. Pode-se verificar que elas estão inteiramente em harmonia com a concepção de liberdade e de justiça que inspiraram a declaração conjunta.

PROSSEGUE SEM CESSAR A BATALHA DO ATLANTICO

Depois de nosso encontro com o presidente, a batalha do Atlântico vem prosseguindo sem cessar.

Na sua tentativa para bloquear e reduzir à fome esta ilha, com os submarinos e os ataques aéreos — e com formidavel combinação de ambos — o inimigo modifica continuamente as suas táticas. Expulso de um ponto, vai para outro. Expulso das águas territoriais, rejeitado para longe das proximidades desta ilha — dirige-se para o outro lado do Atlântico.

Martelado com energia crescente pelo patrulhamento dos Estados Unidos no Atlântico Norte, desenvolve a sua malícia no do sul.

Seguimos os seus passos de perto e algumas vezes nos antecipamos às suas táticas, mas não convem fornecer-lhe indicações precisas ou prévias, sobre o êxito ou malogro de cada uma das suas diversas manobras. De conformidade com esta orientação, nenhuma declaração sobre as perdas marítimas foi divulgada em julho e agosto e não chegou ainda a ocasião de fornecer as cifras verdadeiras. O público, entretanto, sente que as coisas correm muito à feição, nos últimos dois meses. Não o posso negar.

A melhoria no tocante à navegação manifestou-se em duas direções.

(Conclue na 3.a página)

FORTIFICADAS AS ILHAS HELÊNICAS DO MAR EGEU

O Reich e a Itália Pretenderiam Lançar-se à Ofensiva no Oriente Próximo

ANCARA, 9 (U. P.) — URGENTE — Afirma-se nesta capital que o "eixo" totalitário está construindo fortificações e aeródromos ao longo de toda a costa das ilhas helênicas.

Prevalece a crença de que a Alemanha e a Itália projetam desencadear uma ofensiva contra o Oriente Próximo, na primavera ou verão vindouros.

Aumento de vencimentos dos militares norte-americanos

WASHINGTON, 9 (U. P.) — Foi apresentado no Senado um projeto de aumento dos vencimentos dos militares.

Anuncia-se que, Com a Ocupação de Spitzberg Pelas Forças Inglesas, Canadenses e Norueguesas, o Reich Fica Privado de Importante Rota de que se Servia Para Abastecimento de Carvão

O Desembarque das Tropas Aliadas Efetuou-se Pacificamente, Não Tendo Sido Encontrado Nenhum Alemão Naquelas Longínquas Paragens do Círculo Polar Ártico – O Território Ocupado Fora Dividido Entre a União Soviética e a Alemanha

LONDRES, 9 (R.) — Tropas inglesas, canadenses e norueguesas estão, atualmente, operando em Sulabard (Ilha de Spitzberg), após realizarem um desembarque com absoluto êxito, naquela longínqua ilha do círculo polar ártico.

Após a operação de desembarque, as tropas aliadas apoderaram-se das minas de carvão, que se encontravam em poder dos alemães, servindo as mesmas para o seu abastecimento desde a deflagração do conflito teuto-russo.

As notícias acerca dessas operações foram divulgadas em um comunicado distribuido esta noite pelo Departamento da Guerra, acrescentando que as tropas aliadas tinham realizado um desembarque em Spitzberg, a 1.500 milhas do ponto mais setentrional da Grã-Bretanha, situado entre a Groenlândia e a Rússia Ártica.

Até o presente momento, conhecem-se poucas notícias concernentes a essa operação, porem, segundo o mesmo comunicado, os fins do desembarque aliado em Spitzberg são importantes.

Grande número de mineiros foi conduzido dessa ilha para a Grã-Bretanha.

Sulabard, como possessão norueguesa, estava subordinada aos governos aliados e potências associadas, desde 1930, porem, mais tarde, foi dividida entre a Rússia e a Alemanha. Esse grupo de ilhas está situado tão ao norte que nenhum dos beligerantes, durante o primeiro ano de guerra após a ocupação da Noruega, interessou-se por ele. Ao mesmo tempo, enquanto o território norueguês estava sendo ocupado por tropas germânicas, nenhum passo foi dado para a ocupação daquele arquipélago.

A ilha de Sulabard, durante grande parte do ano, fica completamente bloqueada pelo gelo.

Entrementes, pouco tempo depois de completada a ocupação do território norueguês, uma pequena delegação germânica, composta de três oficiais e peritos em minas, chegou à referida ilha.

Suas atividades foram limitadas às inspeções das minas, partindo, logo depois, deixando a população de Sulabard em paz, para continuar a sua existência normal, que, após a queda da administração civil norueguesa, tornou-se, praticamente independente.

Quando a Alemanha atacou a Rússia, essa ilha, imediatamente, entrou para a zona de operações, pois os russos tambem exploravam as suas minas, situadas a 10.000 milhas de distância de Longiar. Nessas minas são empregados cerca de 2.300 mineiros. E' possivel que o fato de os russos possuirem a concessão da exploração das minas contribuisse para a hesitação dos alemães, em ocuparem Sulabard.

Segundo notícias recebidas da Alemanha, sabia-se que os germânicos estavam preparando a campanha na Rússia, contando, para isto, com todos os suprimentos que pudessem encontrar na Noruega, incluindo carvão, grandemente necessário para transportes em larga escala de suprimentos de guerra, ao longo da costa norueguesa.

A estação para exportação de Sulabard começou neste ano um mês mais tarde do que usualmente, pois o gelo tornou impraticavel o transporte, durante todo o mês de maio, sendo que somente pequena quantidade de carga pode ser exportada.

Praticamente, nenhuma incursão foi feita pelos alemães, com o fim de retirar as previsões que tinham sido acumuladas, durante o inverno, quando as ilhas ficaram isoladas do resto do mundo.

Quando começou o conflito teuto-russo, algumas mudanças foram feitas nas exportações regionais e os alemães prepararam dois navios com o fim de partirem patemente temiam uma ação aliada ra Sulabard. Os nazistas, aparencontra essa ilha e se sentiam igualmente incapazes de dispender forças navais, afim de proteger o tráfego entre a Noruega e Sulabard.

O desembarque efetuado em Spitzberg é apenas o mais recente sucesso obtido pelas forças britânicas e aliadas. O desembarque feito em Lofoten ficou mais conhecido, mas foram feitos outros em Narvik, Andlanes e Molde, na costa da Noruega, depois da invasão alemã.

A OCUPAÇAO EFETUOU-SE PACIFICAMENTE

LONDRES, 9 (R.) — Armada até os dentes e decididas a enfrentar quaisquer contingências, as tropas canadenses, inglesas e norueguesas, que desembarcaram em Spitzberg, estavam preparadas para capturá-la pela força, esmagando qualquer oposição que eventualmente lhes fosse oferecida pelos alemães.

Entretanto, não houve resistência, não sendo disparado um só tiro.

Não foi encontrado nenhum alemão e assim nenhum tiro foi disparado.

Os noruegueses apressaram-se em dar as boas vindas aos invasores. Uma testemunha ocular, narrando o fato que presenciou, afirma que uma formidavel flotilha de navios da marinha britânica, aviões da esquadra e destacamentos de tropas inglesas e

(Conclue na 3.a página)

TORPEDEADO UM NAVIO DINAMARQUÊS QUE FORA CONFISCADO PELOS ESTADOS UNIDOS

O "Sessa" Viajava Sob Matrícula Panamenha – Pereceu Quasi Toda a Tripulação, de 27 Homens

WASHINGTON, 9 (H. T.) — URGENTE — O Departamento de Estado anuncia que o ex-navio dinamarquês "Sessa" foi torpedeado, 300 milhas a sudoeste da Islândia.

Da tripulação, composta de 27 homens, foram salvos apenas 3. Entre os desaparecidos, conta-se um norte-americano.

O SR. CORDELL HULL NÃO DUVIDA DA NACIONALIDADE DO NAVIO ATACANTE

WASHINGTON, 9 (H. T.) — O sr. Cordell Hull declarou à imprensa que não havia dúvida a respeito da nacionalidade da belonave que torpedeou o "Sessa".

COMUNICADO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO

WASHINGTON, 9 (U. P.) — O Departamento de Estado forneceu o seguinte comunicado oficial, sobre o afundamento do vapor "Sessa".

"O Departamento de Estado foi informado, pelo Departamento da Marinha de que, sábado pela manhã, a Armada recolheu três tripulantes do vapor "Sessa", a cerca de trezentas milhas a sudoeste da Islândia. Ignora-se a sorte dos outros 24 tripulantes, presumindo-se, entretanto, que hajam perecido.

O Departamento de Estado foi informado de que, segundo declarações dos sobreviventes, o vapor "Sessa" fora afundado por um torpedo, no dia 17 de agosto. Entre os tripulantes, havia um norte-americano. Entre os sobreviventes, contudo, seu nome não figura. Os nomes dos três tripulantes salvos não foram fornecidos ao Departamento do Estado.

O "Sessa" era um vapor do governo dinamarquês, confiscado de acordo com a recente lei que permitiu o confisco de navios estrangeiros paralisados em águas norte-americanas. O referido navio, que navegava sob matrícula panamenha, transportava abastecimentos para o governo da Islândia. O carregamento consistia em artigos alimentícios, cereais, madeiras e mercadorias em geral. Não incluia armas, munições, ou quaisquer outros materiais de guerra.

Um porta-voz do Departamento de Estado acrescentou que o navio fora requisitado pela Comissão Marítima e, na sua última viagem, estava a serviço de uma firma de Nova York.

O JAPÃO CONSIDERA DE GRANDE IMPORTÂNCIA AS RELAÇÕES COM OS ESTADOS UNIDOS

Declarou o Porta-Voz do Governo Nipônico – Partirá para Londres o Novo Embaixador Japonês

TO'QUIO, 9 (T. O.) — O problema mais importante para o Japão é o constituido hoje em dia pelas relações com os Estados Unidos, sendo tambem, no momento, mais importante do que o futuro desenrolar do incidente "Greer" — declarou-o hoje o porta-voz nipônico, sr. Ishii. Acrescentou que a Inglaterra não participa das conversações de Washington e que tampouco em Londres há discussões similares. Disse tambem o porta-voz que o novo embaixador japonês partirá brevemente para Londres, abstendo-se contudo de dar o seu nome.

PERIGOSA A NAVEGAÇÃO NO MAR DO JAPÃO

TO'QUIO, 9 (T. O.) — As minas soviéticas semeadas em águas de Vladivostoc estão pondo em perigo a navegação do Mar do Japão, nas proximidades da costa setentrional. Foram recolhidas e inutilizadas várias minas soviéticas pelas forças navais nipônicas. A pesca naquelas águas exige atualmente grandes precauções por parte dos pescadores japoneses, que não podem executar normalmente seus trabalhos costumeiros.

MELHORAMENTOS PREVISTOS EM MANILLA

TO'QUIO, 9 (T. O.) — A transferência para Manilla de várias firmas norte-americanas estabelecidas em Changai está sendo considerada pelo articulista do jornal "Yuomiuri Simbum" como prova de que os Estados Unidos tencionam transformar Manilla em base norte-americana mais importante no Extremo Oriente. O referido jornalista frisa que Manilla será estação intermediária para a remessa do material bélico entre os Estados Unidos e Chung-Quing-Hong-Cong e Vladivostoc.

JAPONESES DEIXAM A ÍNDIA

CHANGAI, 9 (T. O.) — Em consequência da tensão no Extremo Oriente, muitos japoneses abandonam a Índia. Segundo notícias procedentes de Bombaim, 72 japoneses sairam dali hoje a bordo do vapor "Hakone Marú". O governo indú — conforme declarou a companhia de navegação — dera ordem para a referida viagem.

REFORÇADA A POSIÇÃO DA INGLATERRA

CHANGAI, 9 (T. O.) — Ao chegar a Manilha, declarou o representante do governo britânico no Extremo Oriente, sr. Duff Cooper aos jornalistas que o entrevistaram: "O Japão observa preocupadamente a marcha dos acontecimentos, porque a posição da Inglaterra no Extremo Oriente se acha consideravelmente reforçada".